



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

DOSTOIÉVSKI E O RISO: UMA ANÁLISE DE O CROCODILO

JADE RODRIGUES

Professora Orientadora

Dra. Márcia Ivana de Lima e Silva

Porto Alegre, dezembro de 2009.

Agradecimentos

Àqueles que acreditam em mim, e que apostam nos meus projetos: muito obrigada.

“ridendo dicere verum”

(dito latino)

Resumo

A presente monografia trouxe uma análise do conto “O Crocodilo”, de Fiódor Dostoiévski, a partir das teorias do riso. Este conto foi escolhido por trazer um gênero muito diverso do restante da obra deste autor, a comédia. Primeiramente foi trabalhado o contexto histórico da Rússia, pensando-se no ano em que o livro foi escrito: 1864. Também foram desenvolvidas as teorias do cômico. Em seguida as personagens e seus principais problemas de caráter foram analisados. Foi, então, feita uma análise social, onde o livro é visto como uma grande crítica ao capitalismo e às idéias européias.

Palavras-chave:

“O Crocodilo”. Fiódor Dostoiévski. Riso. Comédia. Rússia.

Sumário

| | |
|--|-----------|
| Introdução..... | 06 |
| 1 Contexto Histórico Russo..... | 08 |
| 2 Teoria do Riso..... | 12 |
| 2.1 A Comédia..... | 12 |
| 2.2 A Comicidade..... | 14 |
| 3 As Personagens de “O Crocodilo”..... | 17 |
| 3.1 O Narrador..... | 18 |
| 3.2 Ivan, o Megalomaníaco..... | 21 |
| 3.3 Ielena, a Fútil..... | 23 |
| 3.4 Os Alemães..... | 25 |
| 4 Crítica Social..... | 28 |
| 4.1 Capitalismo Satirizado de Dostoiévski..... | 28 |
| 4.2 Repartições Públicas em “O Crocodilo”..... | 33 |
| Considerações Finais..... | 37 |
| Referências Bibliográficas..... | 39 |

Introdução

Ao pensarmos na literatura de Dostoiévski a primeira característica comum é a leitura densa, as personagens dramáticas. O único traço que toca o cômico, usualmente é alguma ironia, que não leva o leitor ao riso. “O Crocodilo” torna-se então uma narrativa surpreendente, já que contraria as expectativas que o autor despertaria.

O presente trabalho pretende analisar este conto pela perspectiva do cômico, para isto trouxemos algumas teorias de comicidade e riso. Foi necessária uma breve contextualização histórica da Rússia, já que, por ser um país de cultura tão distante e peculiar para os ocidentais, os conhecimentos são muito restritos.

Após a contextualização passamos a analisar algumas idéias do cômico e da comicidade. Nossa grande âncora foi Vladímir Propp, que por ser russo, traz uma idéia mais próxima desta cultura. Destacamos principalmente pontos que identificavam-se com as ações de “O Crocodilo”, para realçarmos a riqueza do conto visto sob os olhos destas teorias.

Em seguida foi feita uma análise mais detalhada de cada uma das personagens, entre elas o narrador. Todas têm problemas de caráter e esta moralidade é trabalhada.

O fechamento propõe que o conto seja uma crítica social, tanto pensando nas repartições públicas da antiga Rússia, quanto pensando no regime capitalista. O crocodilo, monstro devorador, torna-se uma metáfora do regime que estava se alastrando pelo mundo inteiro.

1 - Contexto Histórico Russo

O conto “O Crocodilo”, de Fiódor Dostoiévski, foi publicado em 1864. Nesta época a Rússia ainda vivia no regime czarista, especificamente sob o comando de Alexandre II. Este tipo de regime era absolutista; a passagem de poder era de forma hereditária, além de haver total centralização nas mãos do czar. Grande parte da vida do escritor foi vivida sob o regime de Nicolau I – pai de Alexandre II -, governante antiliberal, expansionista e defensor de privilégios aristocratas.

A partir da segunda metade do século XIX o czarismo começava a expor suas fraquezas frente ao capitalismo que avançava. O Czar Nicolau I ainda insistia no expansionismo característico do regime, mas o que resultou da Guerra da Criméia (de 1853 a 1856), que lutava por uma passagem do mar Negro para o Mediterrâneo, foi o Tratado de Paris (1856). Este acordo de paz, assinado pelo Czar Alexandre II, obrigou a Rússia a devolver terras conquistadas, além de renunciar a pretensões de conquistas que o país tinha.

Pensando no czarismo como um modelo conservador, que privilegiava a aristocracia, Alexandre II trouxe algumas mudanças, inspiradas nas tendências européias, para a Rússia. É considerado liberal por promover algumas modernizações. Dentre as mudanças feitas pelo Czar, estão a separação dos poderes legislativo e executivo e, principalmente, a liberdade para os servos no

ano de 1861, que estavam em condição servil desde o século XVI. Aproximadamente 40 milhões de camponeses foram emancipados. Apesar da falsa liberdade, estes servos continuavam devendo ao senhor: ou dariam uma renda mensal ou pagariam com serviços ao senhor durante dois anos após a emancipação.

Os camponeses eram os *mujiques*, suas mulheres e suas crianças. Eram os “servos da gleba”, ou seja, homens ligados à terra e que eram muitas vezes vendidos junto com ela. Estes homens eram muito fortes e só por isso sobreviviam ao frio e às condições precárias de vida. Os outros servos eram os de serviços domésticos, que trabalhavam diretamente para os senhores.

Em verdade, a aparente mudança política foi a única alternativa para Alexandre II, já que o povo exigia reformas. Esta foi uma época chamada “Era das Reformas”, o povo se reunia em diversas organizações secretas, e o governo precisava fazer as reformas antes que estas fossem feitas pelo próprio povo. Existiam duas linhas de pensamento predominantes, os *eslavófilos* e os *ocidentalistas*. Os primeiros eram mais conservadores, apoiavam o czarismo sua ideologia expansionista, e resistiam às idéias que vinham do ocidente, como o capitalismo. Já os *ocidentalistas* acreditavam na superioridade das idéias européias, eram liberais e avessos ao czarismo.

Dostoiévski, nesta época, fazia parte da *Inteligéntsia*, grupo que vários intelectuais da época integravam, como Gógol e Turguéniev. Durante este período existia a Okhrana, polícia política a serviço do czar, e Dostoiévski, até

então com idéias ocidentalistas, foi investigado e preso. A condenação, em 1849, foi o exílio na Sibéria seguida da morte por fuzilamento. Este fato foi o grande divisor de águas na forma de pensar e de escrever do autor, já que a morte foi perdoada pelo próprio Czar, e a pena foi transformada em quatro anos de trabalhos forçados, ainda na Sibéria.

Houve uma grande mudança na forma de pensar do autor, que sempre teve um posicionamento “flutuante”. Podemos supor que passou a identificar-se mais com o nacionalismo eslavófilo, ou seja, passou a mostrar mais a sua ojeriza aos europeus e às suas idéias. Reflexo disso é a leitura que fazemos de “O Crocodilo”, o conto é uma grande crítica ao capitalismo e também aos europeus.

A importância de se trazer o contexto histórico está no pensamento de Propp (1976). Segundo o autor, a obra pode ou não provocar o riso, dependendo da época em que está sendo lida. A produção de um texto é totalmente presa ao tempo e ao lugar em que está sendo escrito. O sucesso da piada também depende dos conhecimentos daquele que a escuta, e este pensamento faz todo sentido quando aplicado ao objeto do nosso estudo. Principalmente pensando-se em um local cultural e também em um tempo tão distantes do nosso.

Cada época e cada povo possui seu próprio e específico sentido de humor e de cômico, que às vezes é incompreensível e inacessível em outras épocas. (PROPP, 1976, p.18)

Apesar desta contextualização, ainda assim, temos defasagens na nossa compreensão da obra como um todo. Bergson (1987) defende a idéia de que alguns efeitos cômicos são intraduzíveis, já que dependentes dos costumes e ideologias do berço de sua criação. Esta tese do autor pode ser aplicada a qualquer gênero da literatura, não se pensando no cômico, mas sim no tema da obra a ser analisada. Alguns significados se perdem, por ficarem presos ao seu tempo. Pensando em “O Crocodilo”, esta idéia se aplica em partes, pois o livro pode ser facilmente adaptado pelo leitor a nossa realidade ocidental atual.

O conto de Dostoiévski aborda temas como as antigas repartições russas, suas hierarquias e as formas para se subir de cargo. Nestas repartições os cargos eram oferecidos por indicações e, quanto maior a influência, maior o cargo. Em verdade, os russos também tinham hierarquias também conforme a carreira militar. Toda esta questão dos cargos e das relações entre os colegas é tratada com muita ironia por Dostoiévski. Além disso, as diferenças culturais também aparecem no comportamento dos alemães, segundo a visão do autor.

2 – Teoria do Riso

2.1 – A Comédia

A comédia, nos princípios de sua caracterização, era considerada um gênero menor. Voltando às definições da “Poética” de Aristóteles, percebemos que o espaço destinado ao gênero é estreito em relação à tragédia, além de que é colocada como oposta a esta. O autor se refere aos gêneros como imitações de homens, atitude que é considerada própria da natureza humana. A comédia então seria uma imitação de homens inferiores e de suas ações ignóbeis, conforme a baixa índole do poeta. Pensando no termo “ignóbil”, tradução do termo utilizado por Aristóteles feita por Eudoro de Souza, podemos relacionar a algo que deve ser ignorado, desprezado. O vocabulário é exagerado, carregado de uma ideologia preconceituosa ao gênero “menor”.

Para Aristóteles era natural, ao tratar da definição da essência da comédia, partir da tragédia como seu oposto, pois, na prática e na consciência dos antigos gregos, justamente a tragédia tinha um significado prioritário. (PROPP, 1976, p.18)

Reflexo desta desvalorização do gênero cômico - ainda na chamada "Comédia Antiga" - eram as composições dos júris de avaliação dos teatros: os júris dos teatros cômicos eram compostos por homens comuns, normalmente sorteados daqueles que estavam na platéia, já o júri da tragédia era composto por nobres.

Apesar de todas as desvalorizações em relação a este gênero, não podemos esquecer que a comédia sempre atingiu ao grande público. Este contato com o público se mostrava desde a forma como era a atuação. Durante as apresentações das peças, os atores dialogavam com a platéia em geral. Para Bakhtin, que trabalhou a com a cultura popular medieval, o riso era a principal característica do povo. A avaliação equivocada de que é um gênero fácil, tanto pensando no lado da produção quanto pelo lado da interpretação, ainda hoje vigora, principalmente nas críticas, tanto dos cinemas, passando pelos teatros, quanto pela literatura.

Já a abordagem política que o cômico ironiza pode ser vista desde os primórdios da comédia até os dias de hoje. Aristófanes, principal representante da "Comédia Antiga", já tinha um forte conteúdo político em seus textos. Por suas críticas chegou a ser levado a julgamento na Grécia. A Rússia teve alguns significativos exemplos, como Gógol e Dostoiévski, nosso objeto de estudo. Hoje em dia há uma forte representatividade, por exemplo, nas crônicas de jornais.

2.2 – A Comichidade

Partindo dos critérios de Propp (1976), o tipo de riso que é suscitado em “O Crocodilo” é o de zombaria. Este também é um riso de derrisão, escárnio ou ridicularização, e é ligado ao cômico. De todos os tipos de riso, o de zombaria é o mais freqüente, já que são diversas as causas que podem provocá-lo.

As motivações que despertam o riso de escárnio em Dostoiévski estão mais ligadas ao intelecto e à moralidade. Estas características estão em oposição ao riso suscitado pelo físico ou pela aparência. Ou seja, no conto em questão não nos deparamos com “trapalhadas” das personagens, como tropeços ou tombos. Muito menos nos são descritas personagens caricaturais fisicamente, artimanha comum do “narigudo” ou da “descomunalmente gorda” não estão presentes neste conto. Se existem caricaturas, elas são moralmente construídas, com personagens com exagerados problemas de caráter.

O exagero é uma das grandes ferramentas da comichidade. Intensificar os defeitos, dependendo do grau e do modo como é aplicado, pode transformar o objeto em uma caricatura, uma hipérbole, ou torná-la grotesca. O padrão do cômico é trazer o exagero, e este é aplicado aos defeitos, fazendo com que as qualidades sejam eclipsadas pelas características mesquinhas. É preciso que as personagens sejam disformes, nunca harmônicas, para que suscitem o riso.

O exagero que atinge o grotesco leva o texto para o domínio do fantástico. Propp (1976) exemplifica o grotesco com “O Nariz” e o “O Capote”, no momento em que Gógol ultrapassa a barreira do real. Em Bender (1996) encontramos que uma das ações que provocam o riso, citando a “Poética II”, são coisas ou eventos contrários à expectativa do espectador - em nosso caso, leitor -, e outra é a presença do impossível.

O conto de Dostoiévski, pelas diversas situações inusitadas, também se enquadraria no fantástico, e, por esse motivo, no grotesco. A narrativa tem a intenção, até certo ponto, de convencer o leitor de que esta era uma história real, quase jornalística. Assim os eventos fantásticos tornam-se ainda mais inesperados, absurdos e risíveis. O impossível na ação surpreende o leitor, a surpresa em conjunto com um narrador irônico e uma vítima ridícula suscita o riso de zombaria.

Outra arma da comicidade muito utilizada pelo autor de “Os Demônios” é a ironia. É uma característica mais sutil, através da qual as personagens, ou o narrador, dizem algo querendo dizer o contrário. A ironia também provoca o riso de zombaria, e está intimamente ligada ao cômico.

Passando para o lado do leitor, Propp defende que, ao rirmos, acreditamos não possuir os mesmos defeitos das personagens cômicas. É esta liberdade nossa e culpabilidade do outro que nos permite o riso, pois ridicularizamos o ator que está representando e nos isentamos. Esta visão

distancia a emoção do leitor para com as personagens, e então nos aproximamos do pensamento de Bergson (1987):

o cômico exige algo como certa anestesia momentânea do coração para produzir todo o seu efeito. (BERGSON, 1987, p. 12)

Ou seja, para este tipo de riso precisamos sentir certa indiferença para com as personagens. Os dramas que elas enfrentam não podem provocar nenhum sentimento, ou estaremos frente a uma tragédia, e não a uma comédia. O leitor precisa ser insensível, e os grandes defeitos dos atores, se é uma autêntica comédia, fazem com que não simpatizemos com eles. Como não desejamos o triunfo das personagens, zombamos dos seus dramas e ridicularizamos as suas deformidades. Nosso riso não é de simpatia, mas de escárnio.

3 – As Personagens de “O Crocodilo”

As personagens cômicas são habitualmente representadas por figuras do cotidiano. As linguagens que provocam o riso, segundo Bender (1996), são elevadas em exagero, ou cotidianas, ou representam algum dialeto (ou sotaque) satirizado. No conto em questão, encontramos algumas marcas da linguagem popular, ou cotidiana, como nesta fala de Siemión:

estou pressentindo que não poderemos cozinhar sozinhos este mingau. (p. 24¹)

O leitor se depara com este tipo de expressão em diversos momentos da narrativa, principalmente nos diálogos de Ivan com Siemión. Já a idéia do cômico no sotaque é explorada com as personagens alemãs, que serão mais desenvolvidas posteriormente.

Outra característica das personagens cômicas seria a coletividade, ou seja, a ação raramente é solitária. Esta característica vem em oposição ao herói

¹ DOSTOIÉVSKI, Fiódor. O Crocodilo e Notas de Inverno sobre Impressões de Verão. Trad. De Boris Schnaiderman. São Paulo: Ed. 34, 2000.

A partir desta serão colocadas apenas as páginas referentes ao mesmo conto.

trágico, que normalmente age sozinho. Em Dostoiévski todas as ações possuem dois ou mais em cena, e é justamente nos diálogos que o riso é suscitado.

Também nas teorias que abordam a comicidade, nos deparamos diversas vezes com este, que parece ser o principal meio de tornar uma personagem cômica: expor os defeitos, falhas e vícios desta, com o equilíbrio correto para torná-la ridícula. Deste meio o autor retirou bons frutos, já que todas as figuras do conto possuem problemas de caráter, conforme veremos individualmente.

3.1 – O Narrador

O cômico neste conto de Dostoiévski, já começa pelo próprio narrador, Siemión Siemiônitch. Ele opina, conversa com o leitor e se intromete em todas as situações, e por estas atitudes percebemos o quanto ele é cínico, machista e puxa-saco. Ele é um simples subalterno e parente distante do próprio Ivan, em verdade, subalterno de todos com quem tem contato nos diálogos, fato que não o impede de criticar a todos. As intervenções que esta personagem vai fazendo durante a narrativa são, muitas vezes, para julgar as pessoas e seus atos. É também esta forma de contar a história que faz desta narração uma comédia. Em alguns momentos este narrador nos lembra o da narrativa realista machadiana:

Tendo escrito o meu primeiro capítulo num estilo digno do acontecimento relatado, pretendo empregar em seguida um outro que, embora não seja tão elevado, é, em compensação, mais natural, do que advirto antecipadamente o leitor. (p. 27)

Percebemos o narrador como uma personagem mais realista e crítica frente aos acontecimentos da narrativa. Ele acusa o alemão de ganancioso; Ielena Ivânovna, segundo ele, é fútil; Ivan é leviano, desagradável e invejoso; mesmo informando isto ao leitor, continua tratando a todos de maneira cínica, como a sociedade exige.

A ironia é constantemente utilizada por Siemión, tanto nos seus diálogos, quanto em suas explicações e conversas com o leitor. Ele refere-se a Ivan como sendo seu grande amigo, um homem culto, mas no decorrer do texto ele revela que não o suporta mais e que seu “amigo”, não pára de fanfarronar de maneira leviana. O narrador critica todas as personagens. Apesar das críticas ele também as elogia, mas seus elogios são sarcásticos, irônicos, já que revelam o contrário da sua opinião.

Percebemos o machismo na passagem em que há críticas a Ielena. As críticas que são direcionadas a esta personagem, são generalizadas, como se correspondessem a um comportamento típico de qualquer mulher. Em um

momento em que a mulher de Ivan tenta seduzir o alemão para que ele deixe de ser tão rude, ela mostra o seu “sorriso gracioso”, o narrador diz ser este um procedimento próprio das mulheres.

Outro momento de machismo do narrador está nesta passagem:

Deste modo leviano e insistente (é verdade que estava febril), Ivan Matviéitch apressava-se em expor-me a sua opinião, a exemplo das mulheres de ânimo fraco das quais diz o provérbio que não sabem guardar segredo. (p.48)

Siemión coloca neste trecho a sua visão do gênero feminino, e acaba tentando se esconder atrás do ditado citado. Além de também criticar com palavras diretas a Ivan (“leviano e insistente”), insinua que a atitude da personagem seria típica de mulher.

Siemión é irônico ao comentar as idéias megalomaniacas que Ivan passa a ter depois de ser engolido pelo crocodilo. Diz que este seria o seu amigo comum, mas com uma lente que aumentasse vinte vezes. Este narrador percebe todos os absurdos e defeitos das personagens, mesmo assim relata-os apenas ao leitor. O narrador é a personagem mais consciente dos absurdos que acontecem durante a história.

Ao fim do conto, Dostoiévski coloca uma homenagem a seu contemporâneo Gógol na narração de Siemión. O colega da repartição baixa seu *nariz* nos papéis e o narrador se esconde atrás da gola do *capote*. Não há nenhuma evidência em notas ou comentários do tradutor sobre esta suposição, mas não parece ser coincidência duas palavras, um pouco fora do contexto, e tão próximas, fazerem parte do encerramento da narrativa, ainda se pensarmos nos dois principais contos do autor de “Taras Bulba”.

A frase de encerramento do narrador é uma grande ironia:

Mas pressinto que não tenho o direito de transmitir as minhas impressões particulares, prosaicas, em vista de um acontecimento tão admirável e original. (p. 62)

Siemión foi uma personagem que, do início ao fim da narrativa, expôs sua opinião sobre tudo. Ao nos depararmos com o fim do conto só podemos rir deste narrador que está brincando com o leitor.

3.2 – Ivan, o Megalomaníaco

Ivan é um homem patético. Possui uma imagem de si mesmo completamente deturpada. Ele é influenciado pelas idéias capitalistas, mesmo que defendê-las signifique continuar preso na barriga do crocodilo. Também sofre influência de outras personagens, exceto de Siemión, por ser considerado inferior. Sua esposa, Ielena, foi quem quis visitar o crocodilo, Ivan foi complacente com sua vontade, o que parece ser um traço do caráter do marido.

Em uma das cenas mais engraçadas do conto, Ivan é deglutido pelo crocodilo. Esta narração de Siemión é muito visual, e mostra primeiro Ivan com as pernas para cima, com a metade do corpo dentro da boca do animal. Logo depois ele é girado e fica com a cabeça para cima, seu óculos cai e ele dá o olhar derradeiro antes de ser tragado pelo monstro. Apesar do trágico que a cena carrega, em nenhum momento temos pena do protagonista, já que suas atitudes altivas não nos permitem este tipo de sentimentalismo. A situação provoca gargalhadas no leitor, assim como em Siemión. Ivan protagoniza um dos raros momentos em que nos deparamos com uma situação cômica física, não moral.

Com a grande quantidade de visitas à Passagem, em função da situação inusitada, Ivan acredita que poderá instruir a todos, e assim começam as suas idéias de grandeza. Ele relata a Siemión o que espera do seu futuro. Seus pensamentos são completamente descabidos, tem previsões megalomaniacas de que mudará a sociedade, e de que se tornará uma grande celebridade:

Compreenderão, finalmente, que capacidade deixaram desaparecer nas profundezas do monstro. “Este homem podia ser ministro das Relações Exteriores e governar um reino”, dirão alguns. “E este homem não governou um reino estrangeiro!”, dirão outros. (p.41)

Ivan acredita que milhares de jornalistas o visitarão, e que ele dará palestras a todos; compara-se até mesmo a Sócrates.

Junto a sua auto-imagem alterada pela grande vaidade, também o comportamento de Ivan era extremamente arrogante. Pelas palavras do narrador, o protagonista era sempre autoritário. Tornava-se irritadiço e ríspido quando contrariado ou interrompido. É uma personagem que se aproxima muito do universo infantil, já que acredita ser o eterno centro das atenções. Outra característica que evidencia este fato é a grande imaginação, que o faz acreditar em projeções impossíveis.

3.3 – Ielena, a Fútil

Ielena é uma personagem frívola. Suas atitudes são levianas e seus sentimentos também. Age conforme seus próprios interesses, sem

sentimentalismos. Desde o momento em que Ivan foi engolido, orgulhou-se de seu novo estado civil, já que tornou-se viúva. Ao constatar que o marido ainda estava vivo, mas provavelmente não receberia mais ordenado, tratou de informar-se sobre o divórcio. Sua atitude interesseira só dá ênfase a sua indiferença para com a situação de seu marido: enquanto ele está na barriga do monstro, ela vai ao baile de máscaras ou joga cartas.

Também percebemos que, apesar de sua falsidade, ela é uma personagem de caráter sedutor, tornando-se por isso manipuladora. Ivan é um marido incondicionalmente apaixonado, mesmo em seus delírios sempre é reservado um lugar ao seu lado para Ielena. Até mesmo Siemión, o mais realista, também é apaixonado pela personagem, chama-a de fútil diversas vezes, mas confessa que ela é um “bombom”, e que a deseja. Timofiéi, amigo da família, não se abala com a situação de Ivan, mas ao lembrar-se de Ielena, a enche de gracejos.

A partir da impressão de Siemión, também deduzimos que Ielena trai seu marido. O narrador lembra de um “escurinho” que muito freqüentava a casa deles. Também muito suspeita é a atitude da própria Ielena, ela pede para que Siemión não volte à sua casa naquele mesmo dia de sua visita, segundo ela, estava adoentada ou também poderia sair. Ao explicar seus motivos percebemos que os verdadeiros são outros, assim a personagem também se justifica para não visitar Ivan naquele dia, ela estaria com “dor de cabeça”.

A personagem acaba não concretizando seu desejo do divórcio na narrativa. Também nenhuma traição é descrita no conto. Provavelmente, se Dostoiévski o desenvolvesse mais, a personagem realizaria suas insinuações, já que seu caráter parecia ser propenso a estas falhas.

3.4 – Os Alemães

Propp (1976) já chamava atenção para a comicidade que os estrangeiros podem causar:

(*são*) estranhos para os nossos ouvidos os sons de sua fala quando falam a língua materna, ou a pronúncia incrível quando se põem a estropiar a língua russa. (PROPP, 1976, p.62)

O crítico também cita exemplos de alemães como personagens cômicas em Gógol, nos livros “A Avenida Niévski” e “O Inspetor Geral”.

Dostoiévski era nacionalista, e carregava uma impressão peculiar de cada povo. Há, por exemplo, personagens criadas pelo autor inglesas e outras francesas bastante caricatas, que representavam um tipo de característica que o

autor acreditava ser generalizada por aquele povo, como se fossem tipos. Os alemães não fugiam desta sua impressão, e estiveram presentes em algumas narrativas.

Dois alemães marcantes são também personagens de “Um Jogador”, livro publicado em 1866 por Dostoiévski. O Barão e a Baronesa de Wurmehelm são, segundo o autor, típicos da “raça” alemã. Algumas características do físico e dos rostos são descritas de forma cômica, assim como suas expressões são satirizadas, chamadas de antipáticas. Mas o que estas personagens têm em comum com as de “O Crocodilo” é o caráter. Elas também são hostis e o barão acredita ser muito inteligente, além de ser extremamente vaidoso. Os alemães donos do crocodilo também são caracterizados de maneira parecida.

Em “O Crocodilo” a crítica estende-se aos europeus. Ao iniciar o conto, logo que as personagens entram na Passagem, Ivan justifica sua visita aos animais como uma introdução aos europeus, que também seriam aborígenes.

As personagens alemãs são o dono do crocodilo e sua mãe, ou Mutter, como é chamada durante o livro. A caracterização da Mutter é avessa à imagem de uma mãe tradicional, é quase uma espécie de “anti-mãe”. Em sua primeira aparição já está com um barrete na mão, gritando esganiçadamente. Percebemos uma personagem violenta quando esperaríamos alguém conciliador. Ela também sempre está “desgrenhada” ou “despenteada”, passando a impressão de que acabou de levantar-se, ou de uma pessoa desorganizada. Além de ser tão grosseira quanto seu filho.

O alemão também é representado fisicamente com roupas “ensebadas”. Em todos os momentos ele mistura o russo com o alemão, nos momentos em que fala em russo suas frases são incompletas, e quando está mais emocionado esquece do russo e se expressa apenas em alemão. As falas deixam a impressão de um homem ignorante, que não domina a língua.

Apesar disso, o alemão é muito orgulhoso de si mesmo e acredita-se muito inteligente. É, junto à Mutter, ganancioso, e cobra entrada todas as vezes que Siemión vai à Passagem conversar com Ivan. Ao mesmo tempo em que o identificamos como um homem forte e orgulhoso, nos momentos de apuro ele recorre à Mutter, pedindo seus conselhos. Isto o torna ridículo, pois nos deparamos com um “solteirão” que ainda depende das decisões de sua mãe.

Outra comicidade desta personagem é seu apego ao crocodilo. Apesar de ser irônico e grosseiro com todos, expressava um grande carinho pelo seu querido Karlchen (que poderia se traduzido por Carlinhos). Em nenhum momento preocupa-se com a situação de Ivan, mas sim com os problemas que Karlchen poderia vir a ter, que segundo ele era seu único filho.

4 – Crítica Social

4.1 – Capitalismo Satirizado de Dostoiévski

O conto se utiliza muitas vezes da ideologia capitalista. Alguns assuntos como: “o princípio econômico em primeiro lugar”, ou “a atração de capitais estrangeiros” são recorrentes durante toda narrativa, e provocam o riso no leitor. A ironia feita a este regime parece ser intimamente ligada à crítica aos europeus, já que em grande parte da Europa o capitalismo já era uma realidade.

Dentro da narrativa podemos notar muitos exemplos desta ironia. O alemão, sempre com atitudes gananciosas, dono (proprietário) do crocodilo, não permite esgravatar seu querido Karlchen. Alega que o animal, agora com um funcionário dentro, trará mais público e, conseqüentemente, mais dinheiro. Esta afirmativa parece não trazer questionamentos a ninguém, muito menos ao próprio Ivan Matviéievitch, vítima do crocodilo, já que é preciso que o princípio econômico esteja em primeiro lugar. Ivan ainda se sente muito valorizado dentro do monstro, a ponto de ter suas idéias megalomaniacas.

O narrador, Siemión Siemiônitch, vai então pedir conselho a um colega de trabalho de Matviéievitch, Timofiéi Siemiônitch. Este colega fica se esquivando de qualquer responsabilidade, e, ao opinar sobre o assunto, só dá razão ao dono do crocodilo, já que este possuiria uma propriedade:

E, quanto ao alemão, na minha opinião pessoal ele está no seu direito, e mais até do que a parte contrária, pois entrara no crocodilo *dele* sem pedir licença, e não foi *ele* quem entrou no crocodilo de Ivan Matviéitch, que, aliás, tanto quanto posso lembrar, nunca possuiu sequer um crocodilo. Ora, o crocodilo constitui uma propriedade e, por conseguinte, não se pode abrir-lhe a barriga sem uma compensação. (p. 31)

Seus grandes argumentos são falar sobre o princípio econômico, sobre atrair capitais estrangeiros ou sobre a burguesia. Idéias que obviamente não eram suas, mas sim de um amigo capitalista com uma excelente oratória. Este amigo defendia o desenvolvimento da indústria e abominava idéias como as das propriedades coletivas. Para ele, será uma vitória “enxotar” os mujiques e fazê-los trabalhar três vezes mais. Timofiéi, como um papagaio, repete todas estas idéias para o narrador, por mais absurdas que possam parecer dentro do contexto. A crítica aos mujiques dentro de um texto de Dostoiévski é ainda mais absurda, já que, tendo contato com sua obra, percebemos que existe uma empatia para com estes tipos².

Siemión volta a perguntar ao alemão quanto ele pediria pelo seu crocodilo. O estrangeiro primeiro se nega a vender, depois, alertado de que

² O conto “O Mujiqe Márei” (1876) narra a história de um camponês que sossega o medo que a criança tem de um lobo. O mujiqe é representado como um homem desgraçado, mas apesar de tudo, muito doce e maternal. Ao fim do conto, esta visão é como que generalizada a todos estes servos.

poderia ser exigida uma pensão para a esposa do engolido, faz pedidos absurdos. Esta atitude irrita Siemión, mas deixa Ivan muito orgulhoso, pois sabia que o princípio econômico deveria prevalecer. As atitudes de Ivan são completamente absurdas, e por este motivo risíveis. O sistema capitalista é exposto como completamente desumano, do início ao fim do conto. Apesar disso, as personagens não vêem problemas no sistema, já que ele está em voga. Tanto os meios de comunicação, quanto as pessoas influentes defendem o sistema, e estas personagens não são críticas, apenas seguidoras, com exceção do narrador.

O próprio crocodilo Karlchen pode ser considerado uma representação do regime capitalista. Algumas evidências mostram uma possível interpretação desta grande metáfora. Podemos pensar em um regime predador, violento e desumano, relacionando com o comportamento de um crocodilo. É um animal que veio do estrangeiro e estaria sendo exposto na Rússia, ou até mesmo admirado. O capitalismo carrega esta característica de ser devorador, um bom exemplo disso é chamarmos a Receita Federal de leão, gíria que foi difundida e hoje é utilizada até mesmo em sites federais, é outra metáfora que também deveria ser questionada. Com relação a esta metáfora um diálogo que Ivan tem com Siemión de dentro da barriga do crocodilo poderia ser analisado:

Qual é a propriedade fundamental do crocodilo? A resposta é clara: engolir gente. Como conseguir então, pela disposição do crocodilo, que ele engula gente? A resposta é ainda mais clara: fazendo-o oco. (p. 43)

Seria possível então sobreviver dentro de um crocodilo, ou dentro de um regime capitalista, o único porém é que se sofreria “um pouco” com a digestão. A função principal do regime seria “engolir gente”, ou, se pensarmos nas concorrências desleais, poucos triunfam, em detrimento de outros. Refletindo o fato de o crocodilo ser oco, como Ivan informa em seu diálogo, podemos aplicar isto às idéias do próprio capitalismo. Suas ideologias, comparando com outras como o comunismo, seriam ocas para o autor, desprovidas de uma filosofia teórica representativa.

Outra crítica colocada por Dostoiévski é aos jornais. Vemos as pessoas lendo-os e absorvendo suas idéias sem nenhum tipo de crítica seletiva, além de reproduzirem os pensamentos impostos pela imprensa. Aproximando-se do fim do conto³ temos contato com dois jornais disponíveis na repartição, as publicações são referentes ao crocodilo exposto no passeio. Os fatos são tão manipulados que quase não reconhecemos a situação, cada um tem uma versão completamente diversa do fato que acompanhamos (sob os olhos do narrador) no conto inteiro.

³ Este conto não foi terminado pelo autor, há apenas rascunhos de Dostoiévski para uma suposta continuação. Entre as suposições para justificar a interrupção da narrativa, Boris Schnaiderman coloca que, pensando nas pretensões para a continuação, a novela seria certamente censurada. Este fato poderia ter servido de motivo para o projeto não ter sido levado adiante pelo autor.

Os jornais trazidos no conto não são de forma alguma imparciais, nem disfarçam para parecerem ser. A notícia já começa identificando qual corrente o jornal está seguindo:

Todos sabem que somos progressistas e humanos, neste sentido, procuramos às carreiras alcançar a Europa. (p.59)

Especificamente este jornal citado, “O cabelo”, aparece em alguns momentos do texto. Siemión já teria lido uma notícia no mesmo periódico, e reproduziu seu conteúdo para Ielena, dizendo o quanto era importante atrair capitais estrangeiros para a Rússia. Segundo o tradutor – Boris Schnaiderman, o jornal provavelmente é uma sátira do “Gólos” (A Voz), trocado por “Vólos” (O Cabelo).

Também a atitude das personagens, muito relacionadas ao que estaria sendo divulgado pelos meios de comunicações, de repetirem pensamentos de outros, está associada a uma espécie de automatismo. Bergson (1987) afirma que agir como uma máquina é uma ação que provoca o riso. Este automatismo escapa da atitude humana, do raciocínio próprio, e torna as personagens repetidoras, absurdas e risíveis.

O riso é uma atitude que pode se tornar uma arma de desmoralização. Propp (1976) também chama a atenção para o fato de que o riso é uma arma de

destruição. Se um dos objetos de escárnio do conto “O Crocodilo” foi o capitalismo, este tendo sido representado caricaturalmente pelo monstro, o regime poderia estar sendo desacreditado. Por todas estas reflexões deste capítulo consideramos o conto carregado de um forte cunho social, já que portador de conteúdo ideológico. Bergson (1987) defende que é preciso haver uma significação social nas comédias, portanto o conto em questão estaria enquadrado em sua teoria.

4.2 – Repartições Públicas em “O Crocodilo”

O funcionalismo público na Rússia está presente em diversos momentos do texto. Há uma forte crítica às repartições e a seus funcionários, mas de forma irônica ou muitas vezes velada.

Ivan, ao andar pela Passagem com sua mulher e seu amigo, estava afastado do trabalho. O motivo desta licença era o tratamento de sua saúde, para isto pegaria um trem para a Europa. Então o leitor passa a se questionar qual seria o problema de saúde que Ivan tinha, e a verdade é que não havia nenhum. Durante toda a narrativa não há mais comentários sobre doenças ou problemas que Ivan teria, além do grande problema de ter sido engolido por um crocodilo, o que só ocorre depois.

Siemión, logo depois de Ivan ser engolido, vai se aconselhar na casa de Timofiéi Siemiônitch, colega da repartição. Seu comentário é o seguinte:

(...) fui às seis horas à casa de Timofiéi Siemiônitch, confiante em que, a essa hora, todas as pessoas de família, de determinadas profissões, estão em casa, sentadas ou deitadas. (p.27)

Seis horas é bastante cedo para que se tenha certeza de que todos estariam sentados ou deitados, mesmo em um país frio como a Rússia. A insinuação de “determinadas profissões” leva diretamente ao funcionalismo público, já que logo somos informados de que ele é um colega de Ivan. Esta é mais uma ironia do autor retratando a desocupação do funcionário público.

Ainda na conversa de Siemión com Timofiéi, o narrador sugere que a situação de Ivan seja considerada uma missão oficial dentro do crocodilo, já que temem que o ordenado do engolido seja suspenso. Então entra a questão de toda a burocracia desnecessária do funcionalismo. Timofiéi alega que não há nenhum precedente deste tipo de missão, e que por este motivo não seria uma situação prevista no regimento, impossibilitando esta alternativa. Siemión ainda sugere que Ivan transmita de dentro da barriga dados do local, informações, mas Timofiéi rebate:

- Isto é, trata-se de estatística. Ora, não é este o meu forte e, ademais, não sou filósofo. O senhor me diz: dados; mas se já estamos abarrotados de dados e não sabemos o que fazer com eles! (p.35)

Este diálogo parece demonstrar todos aqueles arquivos mofando nas repartições, todos os dados guardados sem utilidade, e toda a falta de utilidade de grandes quantidades de dinheiros investidos em pesquisas sem sentido. Parece que este acúmulo de dados inúteis ainda torna o sistema mais burocrático e lento.

Quando Siêmion vai à repartição, encontra todos os colegas lendo os jornais diários, com expressões “extraordinariamente sérias”. As notícias lidas são relacionadas ao acontecimento da Passagem, mas mesmo assim a imagem nos leva a ter uma fotografia clara de como é o dia a dia destes funcionários. Nenhum funcionário trabalhando, todos em função do lazer de ler o periódico do dia, mas mesmo assim todos mantendo em rosto fechado, já que estão no trabalho.

Em um último momento há uma insinuação sobre a distribuição de patentes do exército. Siemión pergunta quanto o alemão cobraria pelo seu crocodilo. O alemão, além de dinheiro e imóveis, exige uma patente de coronel no exército russo. Este pedido é dado como insensato e absurdo, tanto por Ivan, quanto pelo narrador, mas faz o leitor se perguntar se não era, na época, preciso

ter certa influência para se conquistar promoções no exército. O que sabemos é que, para certos cargos, só o uniforme já era mais caro do que o próprio soldo, e que, para conquistar algumas patentes, era preciso pesquisar hereditariamente se o pai e o avô tinham o cargo exigido.

Considerações Finais

Longe de ser uma das principais obras de Fiódor Dostoiévski, “O Crocodilo”, ainda assim, possui um grande valor como obra literária. O que nos leva a considerá-lo uma narrativa menor, é a grande extensão de clássicos escritos pelo autor, que em muito se diferem da comédia. Também por ser uma novela inacabada, o que acaba nos impossibilitando a análise do conto como um todo. Podemos apenas supor os rumos que a obra tomaria, a partir do caráter das personagens e das anotações redigidas pelo autor.

A escolha desta narrativa veio justamente de sua discrepância em comparação ao restante da obra do autor. Também por acreditarmos que o humor criado por Dostoiévski, apesar de raro, funciona, suscita o riso no leitor.

Pensando a partir das teorias do cômico, percebemos que o conto se forma utilizando-se de muitas das ferramentas posteriormente trazidas por Propp (1976) ou Bergson (1987), o que justifica a riqueza em sua comicidade. Fatores como o caráter das personagens e a ridicularização destas, foram trazidos ao longo do trabalho, e outros, como a linguagem, ficaram para um possível prolongamento do estudo.

O que nos impressiona é a latente atualidade do livro. Apesar de trazermos um contexto histórico, despertando o leitor de hoje para a leitura contemporânea de 1864, percebemos que todas as situações podem ser

adaptadas para as problemáticas que vivemos na sociedade atual. Também há uma consciência social muito forte por parte do escritor, fato que revela um valor ainda maior para o conto.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. Poética. Trad. de Eudoro de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

BENDER, Ivo C. Comédia e riso: uma poética do teatro cômico. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1996.

BERGSON, Henri. O riso: ensaio sobre a significação do cômico. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. O crocodilo e notas de inverno sobre impressões de verão. Trad. de Boris Schnaiderman. São Paulo: Ed. 34, 2000.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Um jogador. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: Ed. 34, 2004.

GUREVICH, Aaron. Bakhtin e sua teoria do carnaval. In BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman (orgs). Uma história cultural do humor. São Paulo: Ed. Record, 2000.

PROPP, Vladimir. Comicidade e Riso. Trad. de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ed. Ática, 1992.

VICENTINO, Cláudio. Rússia: antes e depois da URSS. São Paulo: Ed. Scipioni, 1995.